

Literatura comparada ainda: facetadas e eclipses disciplinares

*Paulo Sérgio Nolasco dos Santos**

RESUMO: Este artigo propõe-se a reler a proposta disciplinar da Literatura Comparada em sua longa trajetória nos estudos literários, procurando, sobretudo, acompanhar o caráter em “difração” da prática comparatista, sob as mais diversas conceituações do rótulo disciplinar, especialmente hoje em dia, quando tanto a teoria como a prática disciplinar ainda, e cada vez mais, demandam perspicácia articulatória aliada e resultante de um processo de produção de sentidos.

PALAVRAS-CHAVE: literatura comparada; pesquisa em literatura; comparatismo hoje; crítica literária.

ABSTRACT: This article aims to reread the disciplinary proposal of Comparative Literature in its long trajectory into the literary studies, searching mainly to follow the diffraction's character of the comparative practice, underneath the several compilations of the disciplinary title, specially nowadays, when both the theory and the disciplinary practice still, and more and more, demand an articulated perspicacity allied to and resultant from a process of meaning production.

KEYWORDS: comparative literature; research in literature, comparatism today, literary criticism.

Os efeitos da globalização são sentidos em todo lugar, até mesmo nas vilas do Nepal através das antenas parabólicas, mas o contrário não é verdadeiro, essas vilas não existem para o Primeiro Mundo, pois o detalhe cultural da vida cotidiana, condição e efeito da sedimentação do idioma cultural, não chega aos países donos dos satélites. O fato é que [...] existe uma imensa heterogeneidade de línguas

* Universidade Federal da Grande Dourados - MS.

Os efeitos da globalização são sentidos em todo lugar, até mesmo nas vilas do Nepal através das antenas parabólicas, mas o contrário não é verdadeiro, essas vilas não existem para o Primeiro Mundo, pois o detalhe cultural da vida cotidiana, condição e efeito da sedimentação do idioma cultural, não chega aos países donos dos satélites. O fato é que [...] existe uma imensa heterogeneidade de línguas subalternas e culturas periféricas que não se comunicam e não se conhecem, e a literatura comparada não pode se omitir de seu papel nesse cenário. Esse papel seria suplementar não somente em relação às ciências sociais com seus informantes locais, mas também à toda engenharia transnacional de benevolência social, desde a instituição dos Médicos Sem Fronteiras à cultura das ONGs, que não tem condições de acessar a densidade misteriosa dos idiomas e das linguagens dos povos que buscam ajudar.

Rita SCHMIDT. “Alteridade planetária: a reinvenção da literatura comparada”.

O corpo da literatura é imenso, mas inapreensível em sua totalidade. Como respira, como se desloca? Pode-se constatá-lo unicamente de modo metonímico, admitindo que o menor recanto do mundo reflete todas as escalas do jogo dos valores. A literatura é poliglota. Fala centenas, milhares de línguas.

Wladimir KRYSINSKI. “Narrativas de valores: Os novos actantes da *weltliteratur*”

Palavras iniciais

No quadro das ciências humanas, a “disciplina” Literatura Comparada, nas três perspectivas de abordagem – “histórica”, “teórica” e “crítica” –, que geram inúmeras formas ou vertentes de análises, não só reformulou suas metodologias enquanto *démarche* de um rótulo mutante, como também fez-se remontar às origens de uma prática de pesquisa ancorada em um conceito sempre deslizando, “work in progress”, resultante da quebra de paradigmas

e simultâneo questionamento das relações sujeito *versus* objeto. Entre a caudalosa produção de conhecimento nesta área e a crescente se não efervescente discussão nas constantes e diferenciadas reformulações do conceito e sua prática (o comparatismo em âmbito planetário), torna-se ainda pertinente reposicionar o “lugar” de uma “disciplina”, que, a meu ver, tendo assistido ao vaticínio de sua própria morte, parece ainda mais revigorada, hoje em dia, como a Fênix –, a ave fabulosa da mitologia egípcia, que, tendo vivido muitos séculos, quando queimada, renascia das próprias cinzas.¹

I.

Ao redigir estas “palavras iniciais”, duas preocupações teóricas, e próprias do comparatista, soaram, desde o início, inquietantes, e, pior, parecem ter-se justificado até o final deste artigo, que, por isso mesmo, necessitam já da sua explicitação antes que avancemos na discussão e/ou desenvolvimento das ideias que se formularão em torno do propósito de refletir sobre a literatura comparada hoje. A primeira das preocupações já se antepunha na redação propriamente dita dessas “palavras iniciais”, ou seja, procurar materializar, na desafiadora acepção de vocalizar algo ou alguma coisa, neste caso o “rótulo” e a capacidade plástica da literatura comparada enquanto método de trabalho que, se, por um lado, é depositária de uma tradicional prática de estudos no campo da literatura, por outro lado, trata-se, ao mesmo tempo, de uma disciplina e de um campo de estudos que têm, de maneira vocacional, assumido o mais complexo espectro de transformações, mutações e reformulações, desde as suas primeiras práticas e textos fundadores, com exclusivos efeitos deletérios nas últimas décadas, fruto do quadro mais geral e da insurgência de novos e reposicionados objetos de estudo, mormente resultantes da globalização cultural e das mídias em geral. Neste nível, não só o livro, as condições de leitura, a conceitualização e a função da literatura acederam a outros “lugares” inesperados e de inusitadas experiências de fruição, ou seja, as práticas culturais mudaram de lugar, mas, também, e talvez em consequência, a própria ideia de

¹ Estas “palavras iniciais” são o corpo do resumo de nossa intervenção, através do projeto “Percurso de uma disciplina: Literatura Comparada Ontem e Hoje”, que foi submetido ao Projeto coletivo intitulado “Plano de Trabalho do GT de Literatura Comparada da ANPOLL, julho 2012/julho 2014”, particularmente para o Encontro ENANPOLL 2013, realizado no período de 28 a 30 de Agosto de 2013, sob os auspícios da UFSC/ Florianópolis.

contemporaneidade e de sujeito aí implicado puseram em demanda uma outra mundivivência, diferenciadora, que conclama à reverificação dos antigos lugares de saberes ao mesmo tempo em que se indaga acerca de toda a contemporaneidade, de que é ilustrativo o livro de Giorgio Agamben (2009), *O que é o contemporâneo?*.

II.

A segunda preocupação que queremos assinalar, e que já está implicitamente envolvida na primeira, é resultante do fato de termos evocado a palavra “disciplina”, ainda mais uma vez em nosso exercício de metalinguagem, na tentativa de responder a eterna pergunta “O que É Literatura Comparada?”¹, logo após o amplo e histórico debate sobre a “crise da literatura comparada”² e a radicalização desta crise, hoje tornada aporética, segundo outro recente livro de Gayatri Spivak, *Death of a Discipline*.³ Diante desta preocupação, confrontados com o vaticínio da morte e da dilacerante condição de refletir hoje sobre a natureza e função da literatura comparada, o que de alguma forma nos fora legado por forte tradição humanística, baseada numa grade esquemática das disciplinas e bem caracterizadas pela visão realista-naturalista cartesiana da realidade, à la século XIX, portanto, queremos, nos próximos subitens/parágrafos deste texto, pontuar alguns aspectos que parecem substantivos enquanto linhas de força (campo de pesquisa) e imprescindíveis quando voltamos, hoje, à rediscussão do lugar e função da literatura comparada nos processos de integração cultural.

III.

O aludido fórum de discussão do GT de Literatura Comparada, dentro do ENANPOLL 2013, refletia, a partir da convocatória de sua proposta, um ambiente bastante familiar ao grande número de comparatistas brasileiros que integramos este Grupo há pelo menos duas décadas.⁴ De um modo geral, as discussões e *papers* ali gerados e publicados, frequentemente de modo coletivo, têm se voltado para a potência e validação das diversas formas de abordagens e metodologias em literatura

¹ Trata-se do famoso ensaio “O que É Literatura Comparada?”, de Steiner, proferido como Aula Inaugural na Universidade de Oxford, em 1994.

² Cf. Wellek, René. “A crise da literatura comparada”, 1994.

³ “A literatura comparada está morta.” Eis a frase que inicia a alentada discussão da ensaísta brasileira Rita Schmidt, ao confrontar o livro de Gayatri Spivak (2003) com a ideia de que “A literatura comparada ainda está por vir.” Cf. SCHMIDT. “Alteridade planetária: a reinvenção da literatura comparada”, p. 113-129.

⁴ Nossa participação na linha “Limiares Críticos”, coordenada por Tania Carvalhal, deu-se a partir do “Encontro em Salvador”, conforme divulgou o Informativo/ANPOLL n° 5, out. 1997.

comparada, dentro de um largo interesse pela natureza e funcionamento dos textos literários e uma repetida prática de inter- e transdisciplinaridade a envolver o fato e o texto literários – tudo isso decorrendo da natureza da questão ou questões levantadas pelo investigador de literatura. Seleccionando uma dessas discussões, parece ser a que recobre o “rótulo” de literatura comparada a que, de uma forma ou de outra, mais tem servido à ampla produção de sentidos, talvez por ser ela – a literatura comparada – a que ainda nos reúne e congrega em grupos e associações e em sua prática no ensino de graduação e pós-graduação, quando não pela motivação do caráter plástico, polimorfo, tributário de um não-lugar epistemológico privilegiado, de amplíssimos horizontes e versátil atuação do comparatista, mas, sobretudo, talvez pelo exercício da polêmica, *per se*, da vitalidade do olhar intelectualizado e fortalecido por uma tradição humanística das letras ou belas-letras.

IV.

De fato, ainda hoje se sublinha, digamos “assinalasse”, o vigor prospectivo da palavra disciplina, na medida em que sua circunscrição semântica resulta e ganha ressemantizações, aliás, como todo seu escopo teórico-crítico também ganhou ressignificações operadoras, como se numa necessária atualização do aparato crítico que, assim, se remodela em função das *démarches* implicadas seja na historicidade ou nas textualidades contemporâneas. Assim, a ideia que interessa repercutir provém da retomada de certo modo de pôr-em-relação (“relacionar” já detém lugar de cidadania como terminologia e lugar axiomático do comparatista) os objetos de conhecimento segundo perspectivas ou *scripts* de análise “assinaladas”, ou, também “assinadas”, pela prática comparatista. Com isto, queremos dizer, seguindo a reflexão de Giorgio Agamben, em *Signatura rerum – Sobre el método* (2009), que a referência mesma à palavra-signo “disciplina”, remissão e retomada de sua tradução espanhola, “asignatura”, vem ao encontro, na reflexão do filósofo, da ideia-signo-referência de “assinatura”, sinalizando, por assim dizer, o horizonte significativo do campo disciplinar e conseqüentemente

da prática comparatista no quadro das ciências humanas, hoje em dia. Nesse processo, a *assinatura*⁵ passa a ser um elemento essencial; a *assinatura*, os vestígios, os traços, aquilo que resta, nessa perspectiva é o fio de Ariadne: a assinatura não é o sinal, mas é aquilo que faz com que o sinal possa ser inteligível. Está-se, assim, em atitude “retroativa”, quer dizer, o “anacronismo que pressupõe não mais uma estaticidade e sim um movimento (ou movimentos), que compõem os fios da delicada, imbricada e complexa trama. Um tempo, portanto, que não é mais aquele lógico, da cronologia, mas se apresenta analógico, kairológico.” A literatura e a crítica como agenciamentos. Um pensar que é também inventar. É nesse sentido que, “a estratégia do exílio como lugar do intelectual, ao obrigá-lo sempre a descentrar-se de sua própria casa, certamente, pode construir um profícuo “entrelugar” em que as coisas nunca sejam vistas de maneira isolada [...]”.⁶ Agamben explica que a relação expressada pela “signatura” não é uma relação casual, antes é algo mais complicado que se impõe à compreensão: “Suele entenderse la relación entre la signatura y lo signado como una relación de semejanza, [...]. La lengua, que custodia el archivo de las semejanzas inmateriales, es también el cofre de las signaturas” (AGAMBEN, 2009, p. 51). Daí o filósofo evocar a relação, o caráter analógico, entre as plantas e os efeitos terapêuticos que delas decorrem a partir de seus nomes (assinatura), já impressos em suas próprias formas, como resultante da relação entre a palavra e a coisa.⁷ Como o “satyrion” [Traducida al castellano como “satirión”, es la raíz de una planta orquídea que posee cierta similitud con los testículos masculinos] e a “eufrasia”: enquanto a “signatura” da primeira mostra que pode restituir ao homem “sua virilidade perdida e a luxúria”, a segunda, que mostra uma mancha em forma de olho, desvela deste modo sua capacidade para curar as enfermidades da vista. (p. 52) A citação de Agamben acentua a complexidade da relação (nome/palavra *versus* coisa), ainda mais por revelar o trabalho adâmico (Adão) de batizar nomeando:

⁵ Referência ao segundo texto da coletânea *Signatura Rerum* de Giorgio Agamben (2009).

⁶ Projeto “Literaturas em trânsito: deveres das linguagens na contemporaneidade”, do GT de Literatura Comparada da ANPOLL, 2011-2012, coordenação Angela Maria Dias.

⁷ Alusão ao título do ensaio de Fernand Baldensperger, “Literatura comparada: a palavra e a coisa”.

Reflexionemos sobre la particular estructura que también en este caso define a la signatura. La relación de signatura, en la eufrasia, no se establece, como podría parecer, entre la virtud terapéutica oculta y la mancha en forma de ojo sobre su corola, sino directamente entre la eufrasia y los ojos. “Por qué la eufrasia cura los ojos? Porque tiene en sí la *anatomiam oculorum*”; ella “tiene en sí la forma y la imagen de los ojos, por lo tanto, deviene toda ojos”. La signatura pone a la planta en relación con el ojo, la disloca en él, y sólo de este modo revela su virtud oculta (AGAMBEN, 2009, p. 52-3).⁸

V.

Em recente publicação, o comparatista Edgar Nolasco (2011), apoiando-se em vigorosa bibliografia, elaborou exaustivo levantamento dos conceitos disciplinares da literatura comparada, sobretudo a dos autores reunidos no livro *Literatura comparada: textos fundadores*, organizada pelos comparatistas brasileiros Eduardo F. Coutinho e Tania Franco Carvalhal. E em “Conceitos indisciplinados”, subcapítulo de “O que é, afinal, Literatura Comparada?”, pudemos contabilizar, apenas nesta publicação, vinte e três possíveis articulações que, ou abordam o rótulo da disciplina ou reelaboram intrincadas metalinguagens acerca de sua prática e/ou metodologia, às vezes entrecruzando ambas as perspectivas, *grosso modo*. De uma forma ou de outra, a presença desses autores em um livro de “textos fundadores” não deixa de sugerir a construção de um paradigma próprio do campo da literatura comparada. É de grande produtividade ler os ensaios dos consagrados autores, nossos conhecidos: Hutcheson Macaulay Posnett, Joseph Texte, Louis Paul Betz, Benedetto Croce, Fernand Baldensperger, Paul Van Tieghem, Marius-François Guyard, René Wellek, Robert Escarpit, Claudio Guillén, Henry H. H. Remak, René Etiemble, Vitor M. Zhirmunsky, Claude Pichois & André M. Rousseau, Simon Jeune, Jan Brandt Corstius, A. Owen Aldridge, Werner Friederich, Harry Levin, S. S. Praver, Ulrich Weisstein e François Jost. E, ampliando a lista, o comparatista René Wellek aparece com dois textos

⁸ As citações no texto de Agamben são de um dos livros do “tratado” de Paracelso. Que assim explica o objetivo do livro: “Si en este libro se trata de filosofar de *signatura rerum*, entonces sería ante todo útil y conveniente precisar de dónde derivan los *signata*, cuál es su *signator* y cuántos existen”. (apud Agamben, 2009, p. 48). Em rodapé, a nota do tradutor: “*Signata*: las marcas de las cosas, serían los signos. *Signator*: el signador, el que marca”. (Ibidem, p. 48)

fundadores, além da explicação-conceito dos próprios organizadores do livro, os quais também são comparatistas, e ambos têm formulado importantes contribuições em torno do assunto. Assim, como se depreende, seja no livro dos “textos fundadores”, seja no de Edgar Nolasco, que comenta o primeiro, as ideias-conceitos formuladas não apenas fracassam na laboriosa vontade e inteligência de descrever o espaço e lugar da atividade comparatista, malgrado o imenso esforço, mas, por assim resultarem, oferecem flancos para outras produções de sentidos que ainda procuraremos contemplar, porquanto são reflexões que brotam dos últimos esforços do comparatismo na atualidade. (Cf. NOLASCO, 2011, p. 21-5). A partir daí, a atividade crítica passaria a corroborar a da pesquisa, fazendo com que a articulação do campo literário com outras disciplinas, como a etnologia, a filosofia, o marxismo, a psicanálise, a teoria da escrita e do texto, contribuam para os avanços das práticas pós-estruturalistas como os estudos da tradução, os dos pós-coloniais e os dos Estudos Culturais –, aliás, como se registra em “Limiares, passagens e paradigmas: o curso da pesquisa”, um ensaio decisivo de Tania Carvalhal, publicado em 2002.⁹

Tendo em vista a importância da contextualização, lembro de Tania Franco Carvalhal, que, em texto de abertura do Seminário Internacional “Culturas, contextos, discursos: limiares críticos no comparatismo”, evoca o esforço comum de vários integrantes de um projeto de pesquisa, do qual fui membro e depois coordenadora, com a notável participação de Lisa Block de Behar, em cujo texto de justificativa da linha de investigação “limiares críticos”, então coordenada pela Professora e colega Tania Carvalhal, diz o seguinte:

Se as definições epistemológicas questionam os limites disciplinares, teóricos, metodológicos;
se as dúvidas taxonômicas impugnam a rigidez de inventários que não abarcam a variedade dos objetos a classificar ou cujas diferenças não justificam as oposições que ultrapassam as classificações ou as entrecruzam;
se a atualidade literária, estética, teórica, crítica e

⁹ Neste sentido, como sublinha Carvalhal, a alteração de paradigmas reflete-se nas propostas e títulos de trabalhos que já modificaram, à época, tanto o perfil da universidade como algumas estruturas sociais, cuja orientação não era só de superfície, mas correspondia à variedade de orientações teórico-críticas com que um estudioso da literatura se deparava: Douwe Fokkema publica “A literatura comparada e o novo paradigma”, Eva Kushner publica “Em direção de uma tipologia dos estudos de literatura comparada” e Gerald Gillespie, “Rinoceronte, unicórnio ou quimera? Visão polissistêmica de uma possível tipologia da literatura comparada no próximo século”. Cf. CARVALHAL, 2002, p. 149.

hermenêutica hesita diante de um conhecimento que, em movimento, se instala no intervalar, abarcando a uma só vez espaços distintos, julga-se que se deva dar mais atenção, além da requerida por centros e periferias, a *zonas limiares* onde os gestos de iniciação propiciam a formação de conceitos, onde os limites vão penetrando progressivamente espaços que não se determinam com nitidez.

Do mesmo modo, as oscilações verificadas nas instituições literárias, acadêmicas e midiáticas, o questionamento de suas categorias, de outras instituições com as quais guarda limites tão afins quanto difusos, dão lugar a diversos entrecruzamentos e controvérsias que, como as discussões sobre o cânone, sobre gêneros, sobre a vigência da própria instituição literária, fazem dos *marcos* um espaço de luz e sombra, um *umbral* que habilita o acesso a uma interioridade sempre enigmática ou que avança em direção de uma exterioridade que não se subtrai às inscrições de uma escrita, que filtra tanto a realidade quanto a ficção, representando-a e configurando-a.

Contrariamente, estas preocupações com o *limite*, a *fronteira*, a *margem*, o *contorno*, se encontram no centro das reflexões literárias que transformam a *localização* em tema e matéria de seus objetivos disciplinares onde a *comparação*, a *articulação entre culturas*, as *linhas de contraste e coincidência* se constituem na *topografia* destas investigações (CARVALHAL, 1999, p. 10-11).

VI.

Entrementes, os aspectos que vimos alinhavando – se não na tentativa de esboçar uma possível e criativa formulação do exercício de comparar, enquanto operação ainda validada para os dias de hoje, porém mais consciente do caráter provisório, de autofagia contumaz de nossa capacidade de reinventar “saberes” e modos de saber –, é hora de evocar o prefixo “pós”, de “pós-modernidade”, que, em sua forte rentabilidade sustentou outros, tais como: pós-crítica, pós-teorias, pós-autônoma, que, se referindo ao lugar (ou condição?) da “literatura” hoje, terminou por reposicionar esse objeto, a literatura, sob uma perspectiva

que deve ser considerada hoje em dia. Assim, deriva do atual contexto cultural a ideia compartilhada de que a literatura transpôs-se de um lugar previsível e de matriz de saberes na tradição ocidental para um “não-lugar” que, contemporaneamente, é compartilhado com outros discursos, tornando rarefeita a sua legitimação segundo uma ideia de cultura. Principalmente com a ideia de cultura letrada. Aliás, esta ausência de lugar fixo, “não se circunscreve apenas ao discurso literário, pois a questão abrange todo e qualquer tipo de discurso. Por isso, o debate em torno dos lugares disciplinares tem cheiro de fruta passada e já deveria estar produzindo outros frutos que enriqueceriam os estudos literários comparatistas e culturais.” (SOUZA, 2002, p. 85). Em outra passagem, afirma a ensaísta: “O objeto literário deixa de ser privilégio da crítica literária e se expande para outras áreas, numa demonstração de estar a literatura se libertando das amarras de um espaço que a confinaria para sempre no âmbito das *belles-lettres*” (p. 115). Também Josefina Ludmer propõe chamar escrituras ou literaturas “postautónomas” às literaturas cujas práticas provêm de territórios do cotidiano, que assim se fundariam em dois repetidos, evidentes “postulados sobre el mundo de hoy. El primero es que todo lo cultural [y literario] es económico y todo lo económico es cultural [y literario]. Y el segundo postulado de esas escrituras sería que la realidad [si se la piensa desde los medios, que la constituirían constantemente] es ficción y que la ficción es la realidad.” (LUDMER, 2013). Com efeito, diríamos que, vigente a atual reformulação de paradigmas em relação ao nosso objeto, hoje subsumido pela abrangência das disciplinas e pela inoperância e retrógada separação entre domínios de saberes específicos, resta o convite ao desafio perseverante de fazer do campo da pesquisa o lugar e ponto de partida e de intersecção das práticas de conhecimento, onde o saber resultará nas e das interrogações que o estudioso seja capaz de elaborar. Como enfatiza Tania Carvalhal, ao retomar o percurso da obra barthesiana, atravessada pela noção de *seuil*, de trânsito e principalmente pela ideia de transgressão e de ultrapassagem. Assumindo a perspectiva sugerida pela

ensaísta, sublinha-se que o mais importante no conjunto da obra barthesiana é a insistência com que o crítico ensaia soluções para seu próprio *métier*: “o trabalho do crítico não é descobrir o significado secreto de uma obra – uma verdade do passado – mas constituir o inteligível de nosso tempo”, ou ainda, “o que sempre me fascinou na vida é o modo como as pessoas tornam seu mundo inteligível” (BARTHES, 1981, p. 15, apud CARVALHAL, 2002, p. 150).

VII.

Interfaces, transições: faces sígnicas do conhecimento. Ou, como nos ensinam as epistemologias do nosso tempo, todo conhecimento passa a residir na articulação dos suportes, no agenciamento das interfaces; se os mais diversos agenciamentos compósitos podem interfacear – tradução, transformação, passagem, o que é da ordem da interface – é porque todo conhecimento reside na articulação dos suportes, na arquitetura da rede. Com efeito, está-se no campo de uma operação cognitiva, que ilustramos com o comparatismo em suas multifaces, em que a capacidade de “relacionar” compartilha com a de “articulação”, talvez o ponto cego de um *trompe-l’oeil* raramente perspectivado, no qual o conhecimento resultaria da capacidade de articulação dos saberes e de igual competência para proporcionar o diálogo *entre os métodos de abordagem segundo a natureza da questão levantada pelo investigador* (Machado; Pageaux, 1988, p. 17). Assim, todas as formas e práticas possíveis do que chamamos *literatura comparada e produção do conhecimento* decorreriam de um indecível que constitui a seleção e o olhar de cada investigador/observador, segundo a ardilosa arquitetura com que cada um entra e sai de Babel. Se retomarmos a clássica conceituação que começava por ensinar que “A literatura comparada é arte metódica” (BRUNEL, 1995, p. 139), hoje, essa analogia só pode ser produtiva em sentidos quando “a ‘arte’, como toda a ‘Arte’, é a do *trompe-l’oeil*...”:

– A pintura é uma gaia-ciência, uma máquina de produzir anjos e quimeras, objectos que são e não são objectos; é

uma máquina carnal cujo mistério reside na pele, à flor da pele, e cuja profundidade reside na superfície. A *pintura baralha todas as categorias*, pintura que pensa de um modo necessariamente possessivo e reflecte o próprio gesto de pensar e representar. Pintura e dinâmica de forças e secretas pressões que a consciência não alcança. Um castelo da alma que produz visões, cartas e epifanias, *falsos espelhos* e enigmas (COSTA, 2013, p. 461).¹⁰

Noção essa, do *trompe-l'oeil*, que vem da filosofia contemporânea, em ensaio intitulado “Zeuxis e Babel – Imagens de Filosofia”, cujo autor inicia dedicando-o a George Steiner, significativo paratexto dessas reflexões.¹¹ Ao reunir Babel e *trompe-l'oeil*, duas imagens portentosas de “confusão”, o filósofo põe em cenário a potência da “articulação”, como própria do conhecimento, sem esquecer que Babel é o *observatório* que tenta unir os mundos subterrâneo e cavernoso, a terra e os céus. A palavra “Babel”, diz o filósofo, em hebraico, quer dizer Porta de Deus (Bab-Ilú/Bab-Porta e El-Deus), Porta do Céu, e “bâlal” aponta para “confundir”; “baralhar-embrulhar”:

Em suma, a marca da *contemporaneidade*, se é que existe contemporaneidade(s), reside então nessa *explicação-complicação* de cruzamentos e escritos. [...]. E isto porque a *maravilha das maravilhas* já não é que o Ser seja, mas sim que as metáforas, os *transportes* e as diferenças, persistam e se reflectam infinitamente, como num caleidoscópio ou no modelo reticular de Penélope, infatigavelmente urdindo e desurdindo a sua teia, até a exaustão. Contemporaneidade que nos assiste também na distribuição, circulação, tradução e na criação do que alguns chamaram provocatoriamente de *artrologia* – não astrologia, mas que sei eu disso – ou aquela ciência dos *articuli*, das articulações entre dispositivos de saber, de poder saber (COSTA, 2013, p. 461).

VIII.

Como se vê, um sentido trágico está a envolver a

¹⁰ A citação foi extraída do ensaio “Zeuxis e Babel – Imagens de Filosofia”, cujas linhas/entrelinhas desconstroem e ressignificam a aventura viva da contemporaneidade. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/1930.pdf>>. Acesso em: 11 jun. 2013.

¹¹ Trata-se do famoso ensaio “O que É Literatura Comparada?”, de Steiner, referido anteriormente.

situação da literatura e conhecimento no cenário atual. O desafio da contemporaneidade é continuar repetindo e repondo questões candentes como se a leitura literária ainda significasse não apenas abertura ao mundo, aos livros, mas à biblioteca infinita que constitui, hoje, o patrimônio cultural como um todo. Assim expandida, a condição da contemporaneidade torna-se gesto radical a envolver, inclusive, a noção de hipertexto, quando textos de caráter mutante se encontram com leitores que esboçam caminhos possíveis e acidentais. Assim como observou o crítico em “Identidades atravessadas”:

Nesta situação, de certo modo incomensurável, reaparece de forma nova a figura do paradoxo. E esse é um lembrete para a teoria da literatura que precisa aprender o seu sentido alterado, não para salvaguardar, mais uma vez, um lugar singular na esfera cacofônica da cultura de contextualização veloz, mas para, de algum modo, colocar à prova e legitimar a sua própria importância e sobrevivência (OLINTO, 2001, p. 111 et seq.).

Com efeito, uma das características essenciais de nosso tempo, que estaria na construção do pensamento científico, diz respeito à inter-relação dos saberes, noção que está na base do pensamento e das práticas interdisciplinares. Por outro lado, outra característica de nosso tempo associa-se à anterior, ou seja, à universalização do saber, que se refere à disseminação e à apropriação do saber. A disponibilização dos livros em rede de *Internet*, como o projeto realizado pela *Bibliothèque de France*, do qual Roger Chartier é um de seus mentores, objetiva a disponibilidade universal do patrimônio escrito que se torna, assim, universal, num certo sentido invalidando e tornando obsoleta a própria existência da Biblioteca Nacional. No entanto, todas as alterações, por mais fantásticas que sejam, têm seus riscos, pois, como afirmou o próprio Chartier, citado por Carvalhal (2005, p. 3): “A transferência do patrimônio escrito para a tela inaugura

imensas possibilidades, mas será também uma violência contra os textos, separados da forma que contribuíram para construir as suas significações históricas”. Assim a lição de nosso tempo parece ser substancialmente esta: que a “universalização do saber”, facilitada pela tecnologia, não provoque a “separação entre os saberes”, mas, antes,

[...] estimule a interação entre linguagens, o interdiscursivo, o interdisciplinar. Essas exigências ou desafios encaminham para a necessidade de formulações de projetos pedagógicos que sustentem a aplicação das novas tecnologias. Que o fascínio exercido sobre nós por esses recursos, que aparentemente introduzem facilidades em nossas rotinas, não nos impeça de ver seus riscos nem de atentar para seus limites. Que o adestramento necessário para que pilotemos esse novo instrumental não nos disperse do essencial cultivado da arte de voar, nem que as experiências com o mundo ‘virtual’ não nos distanciem do mundo real (CARVALHAL, 2005, p. 5).

Desse ângulo de observação, torna-se constante na ordem do dia a reposição de natureza especulativa, “interrogativa”, como no título *O que é o contemporâneo?*, de Agamben,¹² dentro de um contexto que pugna pela alteração de paradigmas, pelo deslocamento do conceito e prática das noções de conhecimento, ciência, teoria e compreensão articuladas no período moderno; pela “redefinição” de campos disciplinares enquanto legado do *cogito* moderno, que selecionava e hierarquizava o saber segundo uma grade de disciplinas; pela evocação enfim do conhecimento como prática *transdisciplinar*, de *transn/versões* (AGAMBEN, 2009; MIGNOLO, 2003; SOUZA, 2007; Domingues, 2004).¹³

IX.

Ter consciência da função germinativa e rizomática da “intertextualidade” tornou-se praticamente sinônimo

¹² Neste livro, de recente especulação sobre o contemporâneo, Agamben pontua uma adjetivação para o termo, e o ressignifica na imagem “das vértebras quebradas do século” (p. 61), e que “o presente que a contemporaneidade percebe tem as vértebras quebradas. O nosso tempo, o presente, não é, de fato, apenas o mais distante: não pode em nenhum caso nos alcançar. O seu dorso está fraturado, e nós nos mantemos exatamente no ponto da fratura” (p. 65).

¹³ Neste aspecto, convergem palavras de Rildo COSSON ao enfatizar “o futuro das Letras”: “Os estudos literários têm passado por profundas transformações nos últimos anos. Questões como abertura do cânone, quebra das oposições entre alto e baixo, popular e erudito, ampliação do *corpus* literário para além das coordenadas estéticas, apagamento de fronteiras da literatura em relação a disciplinas como a história, a sociologia e a antropologia, entre tantas outras, têm colocado em discussão as noções tradicionais de exegese, interpretação e avaliação do texto literário. Os novos aportes teóricos e metodológicos – a exemplo do pós-estruturalismo, desconstrução, crítica feminista, psicanálise, novo historicismo, teoria do discurso, pós-colonialismo, etc. – não apenas renovam os conhecimentos da área, como também desafiam a própria maneira pela qual ela é constituída” (COSSON, “2000 palavras: O futuro das Letras”, p. 11-28).

da Literatura Comparada enquanto método de trabalho.¹⁴ Aliás, tanto os teóricos quanto os escritores-ensaístas, esses inclusive denunciando grande “ansiedade” no processo criativo e no ato criador, têm frequentemente oferecido o respaldo necessário aos trabalhos acadêmicos e às pesquisas realizadas sob o amplo rótulo de literatura comparada. A escritora Virginia Woolf, por exemplo, já chamou a atenção para este aspecto, acentuando vastíssima caixa de ressonância entre diferentes artes e a atividade de interconexão entre diversas esferas da expressão artística e cultural:

Sem dúvida as artes são todas próximas. Que poeta coloca a pena no papel sem antes ouvir uma canção em sua mente? E o escritor de prosa, mesmo que ele faça crer que anda sobriamente, obedecendo à voz da razão, nos intriga com permanentes mudanças de ritmo acompanhando as emoções com que lida. [...] Eu li uma vez uma carta de Walter Sickert na qual ele dizia: “*Eu sempre fui um pintor literário, ainda bem, como todo pintor decente*” (WOOLF, 2009, p. 207, grifo nosso).

Desta perspectiva, a constatação woolfiana, que poderia parecer uma simples “impressão” da famosa escritora e ensaísta britânica, reaparece em diferentes reformulações entre teóricos da literatura comparada e estudiosos de várias vertentes deste campo de estudo, como é o caso em particular dos chamados estudos interartes /interartísticos. É bem oportuno retomar o que diz o teórico-crítico francês, Daniel Henri Pageaux (2011), quando retorna à discussão, hoje em dia, sobre a “atividade” inter-relacional dentre diferentes e vários textos, inclusive prolongando-se através das diversificadas mídias contemporâneas. Ao sublinhar o teor significativo da palavra “relações” enquanto operação de leitura, sublinha-se uma reflexão fortemente marcada pelo sentido de “trânsito”, tão enfatizado pelo crítico comparatista, pois que, “A ‘passagem’ (trânsito?) é uma noção que define com bastante clareza a atividade comparatista, intermediário e conciliador à sua maneira”. Assim, com perspicácia

¹⁴ Dentre as mais pertinentes discussões acerca da teoria da intertextualidade como operacionalização teórica e de formidável produtividade na prática comparatista, o conceito formulado por Gerard Prince (1987, p. 46) ganha relevo ao enfatizar que: “L’intertextualité’ sigifie les relations entre un texte donné et d’ autres qu’il cite, re-écrit, absorbe, prolonge et en général transforme afin de devenir intelligible”.

teórico-crítica, Pageaux restabelece o vigor de uma prática comparatista herdeira de Paul Van Tieghen, noção máxime ainda hoje plena de originalidade: “Todo estudo de literatura comparada tem por fim descrever uma *passagem*” (VAN TIEGHEN, 1951, p. 68, apud PAGEAUX, 2011, p. 39); noção esta que se prolonga e deixa filamentos em longa “passagem” do instigante ensaio “O comparatismo: entre tradição e renovação”, no qual se discute, hoje, a tradição e renovação da prática comparatista, transcritas nas seguintes palavras de Pageaux:

A palavra “passagem” encontra-se destacada em itálico e relembra, de forma bastante proveitosa, que o comparatista traz do mundo uma imagem aberta, ou porosa, para ser mais preciso: sempre há uma possibilidade de passagem (“poros”, em grego). Van Tieghen complementa sua imagem do objeto comparatista: “o fato de que qualquer coisa de literário é *transportada* (sublinho) para além de uma fronteira linguística”. Sem mais delongas, relembremos agora a célebre máxima de Michel de Montaigne: “Eu não pinto o ser. Eu pinto a passagem.” [...]. Entendamos: é preciso apostar na força criativa da passagem, do transporte, da transferência. Da passagem como mudança de formas... e de ideias: metamorfose. O ideal do diálogo faz da literatura comparada uma espantosa máquina de produzir transitividade. Tornar transitivo aquilo que não o é, ao mesmo tempo em que se preserva a sua singularidade (PAGEAUX, 2011, p. 39-40).

X.

À guisa de conclusão, são decisivas as enfáticas palavras do comparatista Henri-Pageaux (2011) ao postular “por um novo humanismo”, o qual não se confundiria com a ideia de herança, de patrimônio, ou, ainda, com a mistura de saber e ética que servira para defender e ilustrar “com força e nobreza, uma certa ideia do homem”; nem se confundiria com a erudição ou o ideal enciclopédico ou de cultura geral que formataram nossa história das ideias: “O humanismo comparatista no qual estou pensando

tem o dever de considerar o homem como tema de reflexão e análise.” – diz ele (PAGEAUX, 2011, p. 253). E especialmente na bela e provocativa passagem da síntese que propõe:

É preciso se voltar para nosso mundo, tal como ele é [...]. Diante da proliferação das informações e da fragmentação das questões e dos saberes, o comparatismo pode assumir *a função difícil, mas exaltante, de disciplina de síntese, não com o fim de alinhar belas conclusões gerais, mas para criar meios de se pensar um pouco acerca da totalidade na qual estamos imersos.* (PAGEAUX, 2011, p. 255, grifo nosso).

E, assim, da lição do mestre, sendo verdade que não nascemos comparatistas, mas tornamo-nos comparatistas, e que é preciso poder, ou querer, continuar sendo comparatista depois de sê-lo, aprenderemos que: “O novo humanismo, o comparatismo renovado devem dar novamente a palavra aos criadores, além de tentar conciliar reflexão e criação, abordagem teórica e perspectiva poética, já que certas práticas universitárias as dissociaram” (PAGEAUX, 2011, p. 263).

De resto, procuramos concluir com três belas, insinuantes e não menos criativas “produções de sentidos” que respondem pelo nosso desejo de pensar a literatura comparada hoje. Ainda, a comparatista Tania Carvalhal (2005, p. 177), que, ao refletir sobre a atualidade dos estudos comparatistas, observa: “entendemos, então, cada vez mais que não é possível pensar em campos de saber estanques, conclusos e fechados em si mesmos, pois o que se acentua é a natureza híbrida dos diversos domínios do conhecimento e da expressão artística, sua inter-relação”. E com perspicácia acrescenta: “A literatura comparada, como prática crítica, se inscreve no movimento de mudança das demais modalidades críticas, delas se distinguindo não pelos objetos que estuda, mas pelas perguntas que formula e pelos modos de aproximação de que se vale” (p. 178). Já Rita Bittencourt (2010), ao retomar a discussão sobre o comparatismo hoje, assim chama a atenção para o que

recobriria contemporaneamente a prática de “comparar” enquanto método de trabalho:

Comparar, então, significa fazer do próprio fim um objeto de leituras, dramatizando-o e tornando-o capaz de, no limiar do impossível e da morte, gerar textos, combinações, relações que considerem a própria ausência de linhas estáveis, de receitas e de respostas totalmente visíveis e coerentes, como lugares de produção de sentido (BITTENCOURT, 2010, p. 145).

Prolongam-se os versos finais, em adágio, metáfora e prática tradutora, com os quais Tania Carvalhal, em mais recente reformulação de uma prática e em sensível reflexão, lança longe o desafio do comparatismo de hoje: “Sob égide do cavaleiro errante, em suas múltiplas variações, a literatura comparada vive a aventura dos tempos e enfrenta, na formulação de perguntas, a sua permanente validação” (CARVALHAL, 2006, p. 17).

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó: Argos 2009.
- BARTHES, Roland. *Le granis de la voix*. 1981, p. 15. Apud: CARVALHAL, Tania Franco. Limiares, passagens e paradigmas: o curso da pesquisa. In: BITTENCOURT, Gilda Neves da S. (org.). *Trans/versões comparatistas / I Colóquio Sul de Literatura Comparada e Encontro do GT de Literatura Comparada da ANPOLL. Anais...* Porto Alegre: UFRGS, Instituto de Letras, PPG/Letras, 2002. p. 147-150.
- _____. *Signatura rerum: Sobre el método*. Trad. Flavia Costa y Mercedes Ruvituso. Buenos Aires: Adriana Hidalgo Editora, 2009.
- BITTENCOURT, Rita L. de Freitas. O comparatismo à beira do fim: tensões do híbrido poético. In: SCHMIDT, Rita T. (org.). *Sob o signo do presente: intervenções comparatistas*. Porto Alegre. Editora UFRG. 2010, p. 137-148.

BRUNEL, P.; PICHOS, C.; ROUSSEAU, A. M. *Que é literatura comparada?* São Paulo: Perspectiva, 1995. p. 139-144.

CARVALHAL, Tania F. Limiares críticos no comparatismo: considerações iniciais. In: _____. (Coord.). *Culturas, contextos e discursos: limiares críticos no comparatismo*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999, p. 9-12.

BARTHES, Roland. *Le granis de la voix*. 1981, p. 15. Apud: CARVALHAL, Tania Franco. Limiares, passagens e paradigmas: o curso da pesquisa. In: BITTENCOURT, Gilda Neves da S. (org.). *Trans/versões comparatistas/I Colóquio Sul de Literatura Comparada e Encontro do GT de Literatura Comparada da ANPOLL. Anais...* Porto Alegre: UFRGS, Instituto de Letras, PPG/Letras, 2002. p. 147-150.

_____. *Futuro da docência na universidade: tecnologias da imagem ou tecnologias da escrita?* Porto Alegre. 2005. 10 f. Mimeografado.

_____. *Encontros na travessia*. In: *Revista Brasileira de Literatura Comparada*. n. 7, Porto Alegre: ABRALIC. 2005, p. 169-182.

_____. *Sob a égide do cavaleiro errante*. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*. n. 8, Rio de Janeiro: ABRALIC. 2006, p. 11-17.

COSSON, Rildo. 2000 palavras: O futuro das Letras. In: _____. (org.). *O presente e o futuro das Letras*. Pelotas: Programa de Pós-Graduação em Letras. / UFPel, 2000.

DOMINGUES, Ivan *et alii*. Um novo olhar sobre o conhecimento : a criação do Instituto de Estudos Avançados da UFMG, as pesquisas transdisciplinares e os novos paradigmas. In: DOMINGUES, Ivan. (org.). *Conhecimento e transdisciplinaridade*. Belo Horizonte: Editora UFMG; IEAT, 2004. p.13-27.

KRYSINSKI, Wladimir. Narrativas de valores: Os novos actantes da *weltliteratur*. In: _____. *Dialéticas da transgressão: o novo e o moderno na literatura do século XX*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2007, p. 1-14.

LUDMER, J. Literaturas postautónomas. Disponível em: <<http://www.lehman.edu/ciberletras/v17/ludmer.htm>>. Acesso em: 07 jun. 2013.

MACHADO, Antonio M.; PAGEAUX, Daniel-Henri. *Da literatura comparada à teoria da literatura*. Lisboa: Edições 70, 1988.

- MIGNOLO, Walter. *Histórias locais/Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- NOLASCO, Edgar César. *Literatura Comparada*. Campo Grande: Editora UFMS, 2011.
- OLINTO, Heidrun, K. Identidades atravessadas: Teoria de literatura e seus objetos oscilantes. In: COUTINHO, Eduardo de Faria (org.). *Fronteiras imaginadas: cultura nacional/teoria internacional*. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2001. p. 105-118.
- PAGEAUX, Daniel-Henri. O comparatismo: entre tradição e renovação. In: _____. *Musas na encruzilhada: ensaios de literatura comparada*. (org.) MARINHO, Marcelo; SILVA, Denise Almeida; UMBACH, Rosani Ketzer; Frederico Westphalen/RS: URI ; São Paulo/SP: Hucitec; Santa Maria/RS: UFSM, 2011. p. 19-42.
- PRINCE, Gerard. *A dictionary of narratology*. London: Press, 1987.
- SANTOS, Paulo S. Nolasco dos. Pesquisa, interseções e produção do conhecimento em literatura comparada hoje. In: *Revista da ANPOLL - Estudos literários: limites e interseções*. n° 30. Brasília-DF: ANPOLL, jan. / jul. 2011, p. 163-190.
- _____. Tendências da Literatura Comparada na contemporaneidade. In: WEINHARDT, Marilene; CARDOZO, Mauricio M. (org.). *Centro, centros: literatura comparada em discussão*. Curitiba: Ed. UFPR, 2011, p. 271-308.
- SCHMIDT, Rita Terezinha. Alteridade planetária: a reinvenção da literatura comparada. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*. Associação Brasileira de Literatura Comparada. Porto Alegre: ABRALIC, v.7, 2005, p. 113-129.
- SOUZA, Eneida Maria de. O não-lugar da literatura. In: _____. *Crítica cult*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002, p.79-88.
- _____. *Tempo de pós-crítica*. São Paulo: Linear B; Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2007.
- STEINER, George. O que É Literatura Comparada?. In: _____. *Nenhuma paixão desperdiçada*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001, p.151-166.
- VAN TIEGHEN, Paul. *La littérature comparée*. 1951, p. 68. Apud: PAGEAUX, Daniel-Henri. O comparatismo: entre tradição e renovação. In: _____. *Musas na encruzilhada: ensaios*

de literatura comparada. (Organização de Marcelo Marinho, Denise Almeida Silva, Rosani Ketzer Umbach). Frederico Westphalen/ RS: URI ; São Paulo/SP: Hucitec; Santa Maria/RS: UFSM, 2011. p. 19-42.

WELLEK, René. A crise da literatura comparada. In: COUTINHO Eduardo F.; CARVALHAL, Tania Franco (org.). *Literatura comparada: textos fundadores*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 108-119.

WOOLF, Virginia. Literatura e pintura: Walter Sickert, uma conversa. In: *Revista Serrote*. Instituto Moreira Salles. n. 3. São Paulo. 2009. p. 196-207.

